



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

NATHÁLIA NICÁCIO DE FREITAS NERY

PRECONCEITO CONTRA PESSOAS BISSEXUAIS: VALIDAÇÃO DA  
ESCALA DE BIFOBIA PARA O CONTEXTO BRASILEIRO

João Pessoa

2021

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

N456p Nery, Nathália Nicácio de Freitas.

Preconceito contra pessoas bissexuais: validação da  
escala de bifobia para o contexto brasileiro / Nathália  
Nicácio de Freitas Nery. - João Pessoa, 2021.  
32 f. : il.

Orientador: Cícero Roberto Pereira Pereira.  
TCC (Graduação) - Universidade Federal da  
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
2021.

1. Bifobia. 2. Preconceito. 3. Validação. 4. Bissexual.  
I. Pereira, Cícero Roberto Pereira. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 159.9

NATHÁLIA NICÁCIO DE FREITAS NERY

## **PRECONCEITO CONTRA PESSOAS BISSEXUAIS: VALIDAÇÃO DA ESCALA DE BIFOBIA PARA O CONTEXTO BRASILEIRO**

Trabalho de conclusão de curso (TCC)  
apresentado como parte dos requisitos  
necessários à obtenção do título de Bacharel  
em Psicologia pela Universidade Federal da  
Paraíba.

Aprovado em: 19/07/2021.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Cícero Roberto Pereira (Orientador)

---

Me. Washington Allysson Dantas Silva

---

Profa. Dra. Tatila Rayane de Sampaio Brito

## **Resumo**

A bifobia é o preconceito contra pessoas bissexuais e é fortemente presente na sociedade. Entretanto, esse fenômeno ainda é pouco estudado, dada a dificuldade em sua mensuração. Este trabalho teve o objetivo de validar uma versão reduzida da *Biphobia Scale* para o contexto brasileiro. Realizamos o primeiro estudo com 222 brasileiros heterossexuais e verificamos que a Escala de Bifobia apresentou uma estrutura unifatorial e uma validade convergente com escalas que mensuram crenças e estereótipos sobre a bissexualidade. O Estudo 2 foi feito com 219 héteros e evidenciou a validade concorrente-discriminante da Escala de Bifobia com a religiosidade, escalas de autoritarismo de direita, orientação à dominância social e sonolência. Por fim, o Estudo 3 foi realizado com 267 heterossexuais e demonstrou a validade de critério da Escala de Bifobia a partir de uma manipulação experimental de desenho 2 (gênero do alvo: homem ou mulher) x 3 (orientação sexual do alvo: bissexual, heterossexual ou controle), na qual os participantes assistiram a um vídeo sobre um professor e atribuir-lhe um salário. Os resultados mostraram que os participantes menos bifóbicos atribuíram um maior salário para o alvo bissexual apenas quando ele era do sexo masculino. De modo geral, a síntese dos resultados mostra evidência de validade e confiabilidade da escala de bifobia, o que pode representar uma contribuição para o campo de estudo da bifobia ao introduzir, no contexto brasileiro, um instrumento de medida do preconceito contra pessoas bissexuais.

*Palavras-chave:* bifobia, preconceito, validação, bissexual

## **Abstract**

Biphobia is the prejudice against bisexual people and it is strongly present in society. However, this phenomenon is still under studied, given the difficulty in measuring it. The current research aimed to validate a short version of the Biphobia Scale for the Brazilian context. We carried out the first study with 222 heterosexual Brazilians and found a unifactorial structure of the Biphobia Scale and its convergent validity with scales that measure beliefs and stereotypes about bisexuality. Study 2 was performed with 219 heterosexuals and showed the concurrent-discriminant validity of the Biphobia Scale with religiosity, right-wing authoritarianism, orientation to social dominance and sleepiness scales. Finally, Study 3 was carried out with 267 heterosexuals and demonstrated the criterion-related validity of the Biphobia Scale through an experimental manipulation with a 2 (target gender: male or female) x 3 (target sexual orientation: bisexual, heterosexual or control) design, in which participants watched a video about an alleged teacher and assigned him a salary. The results showed that less biphobic participants attributed a higher salary to the bisexual target only when he was described as a man. Together, these results showed evidence of validity and reliability of the Biphobia Scale, which may represent a contribution to the field of study of biphobia by introducing an instrument to measure prejudice against bisexual people in the Brazilian context.

*Keywords:* biphobia, prejudice, validation, bisexual

## **Preconceito Contra Pessoas Bissexuais: Validação da Escala de Bifobia Para o Contexto Brasileiro**

A discriminação contra a comunidade LGBTQIA+ no Brasil vêm se mostrando alarmante ao longo dos anos (Oliveira e Mott, 2020). De acordo com o relatório de mortes LGBTQIA+ realizado no ano de 2019 pelo Grupo Gay da Bahia (Oliveira e Mott, 2020), 329 pessoas LGBTQIA+ foram vítimas de morte violenta no país somente no ano de 2019, dentre as quais 1,5% eram bissexuais. Esta parcela significativa chama a atenção para a violência contra esta minoria sexual ainda bastante invisibilizada socialmente. Além disso, pessoas bissexuais estão mais vulneráveis ao desenvolvimento de transtornos psicológicos quando comparadas a gays e lésbicas (Colledge et al., 2015; Hickson et al., 2016). Estes exemplos são sinais de vitimização pela bifobia.

A bifobia consiste em atitudes negativas em relação às pessoas bissexuais, i.e., o preconceito contra pessoas bissexuais. Algumas destas atitudes são descritas por experiências de discriminação, hostilidade e desvalorização de indivíduos que se identificam como bissexuais tanto em comunidades LGBTQIA+, quanto nas heteronormativas (Ochs, 1996). Junto a isso, existe um forte estigma sobre essa orientação sexual, muitas vezes vista como apenas transitória, suja e relacionada com comportamentos hiper sexualizados e desviantes (Callis, 2014). Esse conjunto de crenças e comportamentos que definem a bifobia possui suas especificidades. Os estudos de Garelick et al. (2017) evidenciaram que existem diferenças na forma como a bifobia é praticada em comparação com a discriminação contra lésbicas e homossexuais. Por exemplo, esses autores mostraram que a bissexualidade pode ser vista como uma ameaça ao padrão binário em que as orientações sexuais foram socialmente categorizadas ao longo da história, justamente por incluir identidades que fogem da dicotomia da sexualidade, na qual a heterossexualidade encontra-se em um extremo e a homossexualidade no outro (Callis, 2014). Segundo Ochs (1996), esta falta de clareza gera

um sentimento de desconforto e incerteza tanto nas pessoas heterossexuais, como nas que são gays ou lésbicas, levando à discriminação contra os bissexuais que não se categorizam como em apenas uma destas categoriais.

A bifobia vem sendo investigada ao longo dos anos com um amplo foco nas crenças, estereótipos e atitudes frente à bissexualidade e à indivíduos bissexuais, e, em função disso, alguns instrumentos foram formulados para mensurar estes construtos. Por exemplo, Eliason e Raheim (1996) foram pioneiros na inclusão da bissexualidade em um instrumento de medida que acessa a opinião dos sujeitos sobre a pessoas lésbicas, gays e bissexuais, a chamada *Beliefs About Sexual Minorities Scale (BSM)*. Em um outro estudo, Eliason (1997) avaliou a presença da bifobia em estudantes heterossexuais e, para isso, desenvolveu uma escala de vinte e três itens acerca de estereótipos sobre a bissexualidade denominada de *Bisexuality Stereotype Scale (BSS)*. Mais recentemente, Garelick et al. (2017) reformularam a BSS (Eliason, 1997) em uma pesquisa sobre a relação entre fundamentalismo religioso, cognição social e atitudes negativas contra pessoas trans e bissexuais partindo de indivíduos heterossexuais, excluindo sete itens da escala original que faziam referência a estereótipos ditos como positivos ou neutros.

Para mensurar a presença de bifobia não somente em amostras heterossexuais, mas também de homossexuais, Mulick & Wright (2002) desenvolveram sua própria escala, nomeada de *Biphobia Scale*. Esta escala de 30 itens ( $\alpha = 0,94$ ) apresentou uma estrutura unifatorial e uma validade concorrente com a *Homophobia Scale* ( $r = .83, p < .001$ ). Apesar de ter sido aplicada em amostras heterossexuais e homossexuais, ao isolar as duas populações, a escala apresentou uma correlação significativa com a *Homophobia Scale* apenas na amostra heterossexual ( $r = 0,84, p < 0,001$ ;  $r = 0,13, p = 0,56$ ). Na mesma linha, o autor verificou um efeito significativo da orientação sexual da amostra [ $F(2, 217) = 8,786, p < 0,001$ ], na qual os participantes heterossexuais ( $M = 32,28, SD = 23,96$ ) pontuaram mais

alto na *Biphobia Scale* do que os respondentes homossexuais ( $M = 13,33$ ,  $SD = 12,73$ ). Devido à presença de uma variedade de itens referentes tanto às reações afetivas, quanto cognitivas e comportamentais acerca de pessoas bissexuais na *Biphobia Scale* (Mulick & Wright, 2002), decidimos focar nesta escala para o desenvolvimento desse trabalho.

Considerando a ausência de um instrumento de mensuração do preconceito contra pessoas bissexuais no Brasil, fato que escancara as diversas lacunas na literatura científica brasileira acerca da bifobia decorrente de sua invisibilidade (Rust, 2002), especialmente no ramo da psicologia (Barker, 2007; Petford, 2003), propomos desenvolver e validar uma versão reduzida e adaptada para o contexto brasileiro da *Biphobia Scale* proposta por Mulick e Wright (2002). No primeiro estudo, adaptamos os itens para o português brasileiro, realizamos uma análise fatorial exploratória da escala e verificamos sua validade convergente por meio de outras escalas que medem crenças e estereótipos da bissexualidade. Em seguida, realizamos mais um estudo para testar a adequação da estrutura factorial em uma amostra diferente, além de acessar as validades concorrente, a partir de escalas de autoritarismo de direita e orientação à dominância social, e discriminante, com o construto da sonolência. Por fim, colocamos em prática um estudo experimental para avaliarmos a validade de critério da escala de bifobias.

### **Estudo 1**

O presente estudo foi realizado com o objetivo de validar uma versão reduzida e traduzida para o português da *Biphobia Scale* (Mulick & Wright, 2002), denominada de Escala de Bifobia. Para um maior enfoque na mensuração do preconceito contra pessoas bissexuais, 16 itens da escala original referentes especificamente à crenças e estereótipos com relação à bissexualidade foram excluídos, resultando em 14 itens no total. Neste estudo, analisamos a estrutura fatorial da escala e exploramos validade convergente da Escala de Bifobia com outras medidas de bifobia existentes.

## **Método**

### ***Amostra***

O presente estudo obteve a participação de 222 brasileiros heterossexuais com idades entre 18 e 59 anos ( $M = 27,50$ ;  $DP = 8,71$ ). A maioria dos participantes se autodeclararam brancos (52,3%), mulheres (73,9%) e de classe média (36,5%).

### ***Instrumentos***

Utilizamos a Escala de Bifobia, adaptada e validada neste estudo. Ela consiste em uma versão de 14 itens traduzida para o português da *Biphobia Scale*, validada originalmente por Mulick e Wright (2002), incluindo itens como “Eu não gosto de pessoas bissexuais” e “Pessoas bissexuais não conseguem controlar seus impulsos sexuais”. Primeiro, uma pessoa bilingue traduziu os itens do inglês para o português. Depois, os itens em português foram *backtranslated* para verificar se estavam equivalentes aos da escala original e adequados ao contexto brasileiro.

As respostas variaram em uma escala Likert, indo de 1 (Discordo totalmente) à 6 (Concordo totalmente). A lista dos 14 itens pode ser visualizada no material online disponível na plataforma Open Science Framework (OSF).

Para a validade convergente, utilizamos mais duas escalas. Uma delas foi a *Beliefs About Sexual Minorities Scale* (BSM) validada por Eliason & Raheim (1996) e traduzida para o português para este estudo. Nesta, os participantes assinalaram entre seis alternativas aquela que melhor descreve as suas crenças com relação às pessoas bissexuais, variando entre 1 (“Eu acredito que pessoas bissexuais contribuem de forma positiva e única para a sociedade”) e 6 (“Eu detesto pessoas bissexuais e acredito que seu estilo de vida deve ser punido”).

Outra escala que utilizamos foi uma tradução para português da Escala de Estereótipos da Bissexualidade (Eliason, 1997), com as adaptações feitas por Garelick et al.

(2017), resultando em 16 itens ( $\alpha = 0,90$ ). que mensuram o grau de concordância com estereótipos que acometem pessoas bissexuais de acordo com uma escala de resposta em formato Likert variando de 1 (Discordo totalmente) à 6 (Concordo totalmente). Exemplos de itens são os seguintes: “Bissexuais são apenas pessoas gays e lésbicas que têm medo de se assumirem como tais”; “Pessoas bissexuais espalham AIDS para as pessoas heterossexuais”. A listas dos itens destas escalas estão no material online disponibilizado na plataforma OSF. Também foi adicionado um questionário sociodemográfico incluindo a idade, gênero, orientação sexual, etnia, classe econômica, religião e religiosidade.

### ***Procedimento***

Os participantes acessaram a pesquisa através de um link da plataforma *Qualtrics* e responderam ao questionário de forma online. Inicialmente, leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido na forma de uma breve apresentação do estudo e assinalaram se estavam de acordo com os termos. Em seguida, responderam à versão reduzida e traduzida da *Biphobia Scale* (Mulick & Wright, 2002), a Escala de Estereótipos da Bissexualidade (Garelick et al., 2017), e a BSM (Eliason & Raheim, 1996). Por fim, responderam o questionário sociodemográfico e finalizaram a pesquisa.

### ***Análise de dados***

A análise dos dados foi feita utilizando os *softwares* SPSS e JAMOV. Inicialmente, realizamos uma análise descritiva do banco de dados, seguida pela análise fatorial exploratória de cada escala utilizada por meio do método principal-axis factoring e análises de correlação para avaliar a validade convergente.

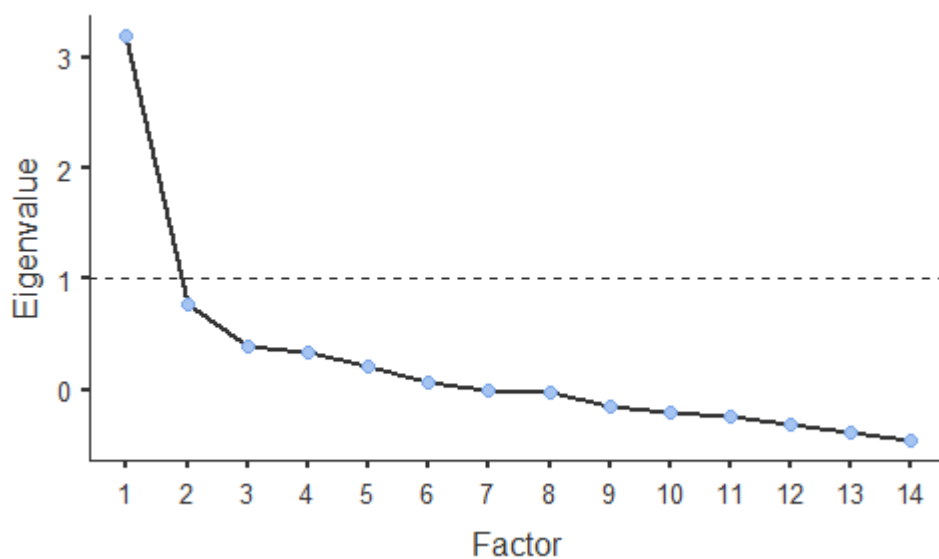
## **Resultados**

Para verificar se a matriz de correlações era fatorável, utilizamos os valores referentes ao critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) = 0,76 e o Teste de Esfericidade de Bartlett = 724 ( $p < 0,001$ ). Após a obtenção de valores adequados, prosseguimos com a

análise fatorial exploratória. Inicialmente, realizamos a análise do *Scree Plot* do *eigenvalue* como primeiro critério de retenção fatorial. Na Figura 1, podemos observar que os itens carregaram muito mais fortemente no primeiro fator, indicando uma estrutura unifatorial da Escala de Bifobia.

**Figura 1.**

*Gráfico Scree Plot*



Em seguida, analisamos as cargas fatoriais de cada item da Escala de Bifobia (Tabela 1). Quatro itens foram excluídos por apresentarem cargas menores que o valor mínimo de 0,40. Os itens foram “01. Eu não gosto de pessoas bissexuais.”, “03. Eu agrediria uma pessoa bissexual por tentar flertar comigo.”, “05. Pessoas bissexuais merecem ser discriminadas.” e “12. Pessoas bissexuais querem fazer sexo com todo mundo.” O Alfa ( $\alpha$ ) de Cronbach e o Omega ( $\omega$ ) de McDonald foram calculados para comprovar a consistência interna da escala, sendo  $\alpha = 0,71$  e  $\omega = 0,72$ .

**Tabela 1.**

### *Cargas fatoriais dos itens da Escala de Bifobia*

| <b>Itens</b>                                                                              | <b>Fator Principal da Bifobia</b>  |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|
| 10. Eu evito pessoas bissexuais.                                                          | <b>0,757</b>                       |
| 13. Pessoas bissexuais não conseguem controlar seus impulsos sexuais.                     | <b>0,720</b>                       |
| 14. Me sinto apreensivo (a) na presença de pessoas bissexuais.                            | <b>0,639</b>                       |
| 11. Quando conheço uma pessoa bissexual, eu penso: “Que desperdício”.                     | <b>0,489</b>                       |
| 08. Eu ficaria com raiva se uma pessoa bissexual me fizesse propostas de natureza sexual. | <b>0,488</b>                       |
| 09. Eu me sinto ansioso (a) quando tenho que interagir com pessoas bissexuais.            | <b>0,455</b>                       |
| 04. Pessoas bissexuais me deixam nervoso (a).                                             | <b>0,450</b>                       |
| 02. Me sinto confortável perto de pessoas bissexuais.                                     | <b>-0,413</b>                      |
| 07. Pessoas bissexuais não são confiáveis.                                                | <b>0,408</b>                       |
| 06. Pessoas bissexuais são incapazes de se manter em um relacionamento monogâmico.        | <b>0,400</b>                       |
| 12. Pessoas bissexuais querem fazer sexo com todo mundo.                                  | 0,329                              |
| 05. Pessoas bissexuais merecem ser discriminadas.                                         | 0,303                              |
| 01. Eu não gosto de pessoas bissexuais.                                                   | 0,285                              |
| 03. Eu agrediria uma pessoa bissexual por tentar flertar comigo.                          | 0,159                              |
| <b>Eigenvalue</b>                                                                         | <b>3,19</b>                        |
| <b>% Variance</b>                                                                         | <b>22,8</b>                        |
| <b>Cronbach Alpha</b>                                                                     | <b><math>\alpha = 0,713</math></b> |

A validade convergente da Escala de Bifobia foi verificada por meio de uma análise da sua correlação com a Escala de Estereótipos da Bissexualidade (Garelick et al., 2017) e a BSM (Eliason & Raheim, 1996). De acordo com a Tabela 2, é possível perceber correlações positivas moderadas e significativas entre as três escalas, indicando alguma convergência entre as medidas.

**Tabela 2.**

*Correlações R Pearson entre a Escala de Bifobia, EEB e BSM*

|                          | <b>Escala de Bifobia</b> | <b>Escala de Estereótipos da Bissexualidade</b> | <b>BSM</b> |
|--------------------------|--------------------------|-------------------------------------------------|------------|
| <b>Escala de Bifobia</b> | 1                        | 0,366**                                         | 0,383**    |
| <b>EEB</b>               | 0,366**                  | 1                                               | 0,315**    |
| <b>BSM</b>               | 0,383**                  | 0,315**                                         | 1          |

*Nota.* EEB = Escala de Estereótipos da Bissexualidade; BSM = Beliefs on Sexual Minorities; \*\*  $p < 0.01$ .

## **Discussão**

A partir de uma análise fatorial exploratória, este estudo demonstrou que a Escala de Bifobia apresenta uma estrutura unifatorial e possui uma consistência interna adequada. A versão final ficou composta de 10 itens traduzidos para o português e adaptados ao contexto brasileiro à partir da Biphobia Scale (Mulick & Wright, 2002), a Escala de Bifobia

apresentou correlações moderadas significativas com outras duas escalas que mensuram crenças (Eliason & Raheim, 1996) e estereótipos (Garelick et al., 2017) sobre a bissexualidade, evidenciando uma validade convergente satisfatória.

Além disso, uma análise fatorial confirmatória da Escala de Bifobia ainda é necessária para verificar, numa nova amostra, se de fato sua estrutura unifatorial se confirma para a mensuração da bifobia. A verificação da validade discriminante da escala também é essencial. Por este motivo, buscamos superar estas limitações a partir da elaboração de um segundo estudo.

## **Estudo 2**

O Estudo 2 teve como objetivo confirmar a estrutura fatorial da Escala de Bifobia. Além disso, analisamos a qualidade dos itens por meios da Teoria da Resposta ao Item (Primi, 2004), exploramos a validade discriminante e, também, a validade concorrente, tendo como referência outras escalas de atitudes intergrupais, para fins de validade concorrente, e de atitudes para as quais prevê-se baixa associação com a bifobia, para a validade discriminante. Neste sentido, como apresentaram Duckitt & Sibley (2007), o preconceito contra minorias sociais se mostrou altamente relacionado com a Escala de Autoritarismo de Direita (EAD) e a Escala de Orientação à Dominância Social (EODS), ou seja, quanto mais preconceituosas, mais alto a pessoas pontuaram nestas escalas. Mais especificamente, as pessoas mais preconceituosas tenderam a ser mais orientadas à dominar outros grupos, mais autoritárias, tradicionalistas e submissas às autoridades. Em função disso, utilizamos essas duas escalas nesta pesquisa para verificar a validade concorrente da Escala de Bifobia, devido à alta correlação que estas apresentam com o preconceito e a discriminação contra grupos de minoria sexual (Whitley, 1999; Poteat & Mereish, 2012; Vilanova et al., 2018). Além disso, também procuramos analisar a correlação entre a bifobia e a religiosidade, pois também apresenta uma forte relação com o preconceito (Klein et al., 2018). Para a validade

discriminante, adicionamos a Escala de Sonolência de Epworth (Bertolazi et al., 2009), pois mensura um construto independente da bifobia. A partir disso, esperamos que a Escala de Bifobia apresente uma correlação significativa com a religiosidade, a EAD e a EODS. Em contra partida, esperamos uma correlação nula da Escala de Bifobia com a versão brasileira da Escala de Sonolência de Epworth (ESE-BR) (Bertolazi et al., 2009).

## **Método**

### ***Amostra***

Este estudo contou com a participação de 219 pessoas heterossexuais entre 18 e 68 anos ( $M = 28,94$ ;  $DP = 9,85$ ). Em sua maioria, os sujeitos se autodeclararam brancos (44,7%), mulheres (65,3%) e de classe média (34,2%).

### ***Instrumentos***

Usamos a Escala de Bifobia adaptada no Estudo 1. Para avaliar as validades concorrente e discriminante da Escala de Bifobia, foram utilizadas três escalas. Uma delas foi a versão brasileira da Escala de Orientação à Dominância Social (EODS) (Fernandes et al., 2007), originalmente formulada por Sidanius & Pratto (1999), composta de dezesseis itens ( $\alpha = 0,83$ ), como “1. Alguns grupos têm, simplesmente, mais valor do que outros.” e “7. Os grupos inferiores devem permanecer em seu lugar.”, cujas respostas variaram entre 1 (Discordo totalmente) à 6 (Concordo totalmente). A Escala de Autoritarismo de Direita (EAD) (Vilanova et al., 2018) também foi utilizada para o mesmo propósito de validação convergente, com trinta e quatro itens ( $\alpha = 0,96$ ), como “7. Nós deveríamos esmagar todos os elementos negativos que estão causando problemas na nossa sociedade.” e “30. O segredo para uma boa vida é o respeito pela autoridade.”. Além disso, foi aplicada a versão brasileira da Escala de Sonolência de Epworth (ESE-BR) (Bertolazi et al., 2009), criada originalmente por Johns (1991), para que os participantes indicassem a probabilidade de cochilarem em seis

situações, como “1. Sentado e lendo.” e “6. Em um carro parado no trânsito por alguns minutos.”, a partir de uma escala Likert, que variou entre 1 (Nunca cochilaria) à 4 (Grande probabilidade de cochilar).

Para medir as variáveis sociodemográficas, foram adicionados itens referentes à idade, gênero, orientação sexual, etnia, grau de escolaridade, classe econômica, religião e grau de religiosidade dos sujeitos.

### ***Procedimentos***

Como no Estudo 1, os participantes responderam à pesquisa de forma *online*, com acesso a partir de um *link* para o questionário na plataforma *Qualtrics*. Após concordarem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os sujeitos responderam uma parte dos itens sociodemográficos referentes à idade, gênero e orientação sexual. Em seguida, responderam à Escala de Bifobia, à EODS, à EAD e à ESE-BR. Por fim, os itens sociodemográficos restantes foram respondidos e a pesquisa foi finalizada.

### ***Análise de dados***

Os dados foram analisados nos *softwares* RStudio e SPSS. Uma análise dos parâmetros a (discriminação) e b (dificuldade), com base na Teoria de Resposta ao Item (TRI) usando o modelo de dois parâmetros de Lord (1952) e Birnbaum (1957; 1968), e uma análise fatorial confirmatória, utilizando o método de estimação dos mínimos quadrados ponderados ajustados pela média (WLSM), foram realizadas no RStudio. Em referência ao parâmetro a, valores acima de 0,6 são adequados. Para o parâmetro b, os valores devem variar entre -3 e +3, e quanto mais positivo, maior o nível de bifobia que o item irá representar na escala de resposta (Primi, 2004). Em seguida, as estatísticas descritivas e validades convergente e discriminante foram verificadas a partir do programa estatístico SPSS.

## **Resultados**

Inicialmente, realizamos a análise da qualidade dos itens da Escala de Bifobia com base na Teoria de Resposta ao Item (TRI). Para isso, os itens da escala foram avaliados para os parâmetros "a" (discriminação) e "b" (dificuldade). Estes parâmetros dizem respeito, respectivamente, a capacidade do item para detectar adequadamente diferenças individuais no traço latente estudado, e ao nível de bifobia retratado em cada uma das seis opções da escala Likert de resposta para cada item. É possível observar na Tabela 1 que os dez itens demonstraram valores apropriados para os parâmetros a e b (Primi, 2004), ou seja, eles de fato mediram o modelo sugerido.

**Tabela 3.**

*Análise dos parâmetros a e b dos itens da Escala de Bifobia*

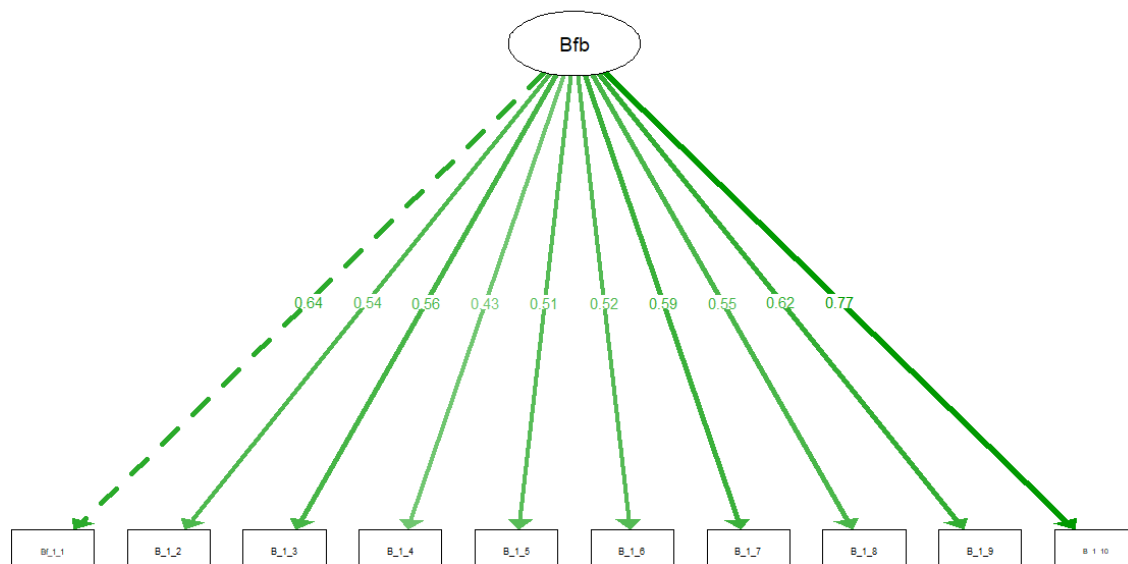
| <b>Itens</b> | <b>a</b> | <b>b1</b> | <b>b2</b> | <b>b3</b> | <b>b4</b> | <b>b5</b> |
|--------------|----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| 1            | 2.383    | 0.796     | 1.350     | 1.673     | 2.116     | 2.709     |
| 2            | 2.226    | 1.376     | 1.897     | 2.290     | 2.386     | 2.736     |
| 3            | 1.632    | 0.907     | 1.267     | 1.702     | 2.217     | 2.633     |
| 4            | 1.747    | 1.700     | 2.344     | 2.717     | 3.186     | -         |
| 5            | 1.346    | 0.383     | 0.889     | 1.488     | 2.024     | 2.626     |
| 6            | 1.980    | 1.276     | 1.837     | 2.380     | 2.761     | 3.113     |
| 7            | 2.463    | 1.696     | 2.112     | 2.440     | 2.780     | 2.899     |
| 8            | 1.675    | 1.322     | 1.735     | 2.251     | 3.062     | 3.171     |
| 9            | 2.265    | 1.292     | 1.806     | 2.123     | 2.411     | 2.812     |
| 10           | 4.677    | 1.261     | 1.642     | 1.909     | 2.496     | 2.682     |

Para verificar o grau de ajuste do modelo unifatorial proposto aos dados obtidos, uma análise fatorial confirmatória foi realizada também por meio do programa estatístico RStudio. O método de estimação dos mínimos quadrados ponderados ajustados pela média (WLSMV) foi utilizado para a análise e foram obtidos índices de ajuste residuais adequados [RMSEA

(IC90% 0,00 - 0,03) = 0,02; SRMR = 0,06], assim como índices comparativos satisfatórios (CFI = 0,98; TLI = 0,99). Desse modo, é possível observar na Figura 1 que todos os 10 itens apresentaram uma carga fatorial diferente de zero, mostrando que o modelo unifatorial possuiu um bom ajuste para os dados coletados.

## Figura 2.

*Estrutura fatorial da Escala de Bifobia*



Por fim, análises de correlação entre a Escala de Bifobia, Religiosidade, Escala de Orientação à Dominância Social (Sidanius & Pratto, 1999), os quatro fatores da Escala de Autoritarismo de Direita (Autoritarismo, Contestação à autoridade, Tradicionalismo e Submissão à autoridade) de Vilanova et al. (2018) e a Escala de Sonolência de Epworth (Bertolazi et al., 2009) foram realizadas com o objetivo de verificar as validades concorrente e discriminante da Escala de Bifobia. A Tabela 4 indica que a Escala de Bifobia apresentou correlações positivas significativas com construtos já esperados pela literatura, como

religiosidade ( $r = 0,220$ ,  $p < 0,01$ ), a EODS ( $r = 0,546$ ,  $p < 0,01$ ) e os fatores da EAD referentes ao Autoritarismo ( $r = 0,403$ ,  $p < 0,01$ ), Tradicionalismo ( $r = 0,584$ ,  $p < 0,01$ ) e Submissão à autoridade ( $r = 0,397$ ,  $p < 0,01$ ). O construto de Contestação à autoridade apresentou uma correlação negativa significativa ( $r = -0,286$ ,  $p < 0,01$ ). Como esperado, não houve correlação significativa da Escala de Bifobia com a ESE-BR ( $r = 0,052$ ,  $p > 0,05$ ), pois medem construtos não relacionados pela literatura, indicando evidências de uma validade discriminante.

#### **Tabela 4.**

*Correlações R Pearson entre a Escala de Bifobia e as demais variáveis*

|                          | Religiosidade | EODS    | Autoritarismo (EAD) | Contestação à autoridade (EAD) | Tradicionalismo (EAD) | Submissão à autoridade (EAD) | Sonolência |
|--------------------------|---------------|---------|---------------------|--------------------------------|-----------------------|------------------------------|------------|
| <b>Escala de Bifobia</b> | 0,220**       | 0,546** | 0,403**             | -0,286**                       | 0,584**               | 0,397**                      | -0,052     |

*Nota.* EODS = Escala de Orientação à Dominância Social; EAD = Escala de Autoritarismo de Direita; \*\*  $p < 0,01$ .

### **Discussão**

Por meio de uma análise dos parâmetros a (discriminação) e b (dificuldade) baseada na Teoria de Resposta ao Item, identificamos que cada item da Escala de Bifobia avalia adequadamente o traço latente pretendido. Além disso, a partir da análise fatorial confirmatória, verificamos que o modelo unifatorial se adequou de forma satisfatória aos dados. A escala apresentou uma validade concorrente adequada, visto que houve correlações significativas entre ela, a religiosidade, a EODS e os quatro fatores da EAD, corroborando a literatura (Klein et al., 2018; Duckitt & Sibley, 2007; Whitley, 1999; Poteat & Mereish,

2012; Vilanova et al., 2018). Também verificamos a validade discriminante satisfatória em função da ausência de correlação da Escala de Bifobia com o construto da sonolência, mensurado pela ESE-BR, o qual independe da bifobia.

Uma análise da validade de critério da Escala de Bifobia ainda se mostra necessária. Mais especificamente, seu poder preditivo com relação a atitudes discriminatórias contra pessoas bissexuais. Por isso, buscamos abarcar essa limitação no Estudo 3 a seguir.

### **Estudo 3**

O Estudo 3 foi realizado com o objetivo de verificar um tipo especial de validade de critério da Escala de Bifobia, a qual consiste e analisar se podemos prever atitudes discriminatórias contra bissexuais a partir da ativação do preconceito contra esse grupo-alvo. Para tal, usamos um cenário experimental no qual manipulamos a orientação sexual (bissexual, hétero vs. controle) e o gênero (feminino vs. masculino) de uma pessoa que estava anunciando a abertura de um curso que iria ministrar sobre o tema de relacionamentos interpessoais. A tarefa dos participantes foi avaliar essa pessoa, inferindo, também, a remuneração que ela deveria receber pelo seu trabalho.

De acordo com os estudos prévios relacionados à bifobia praticada por pessoas heterossexuais, homens e mulheres bissexuais tendem a ser avaliados mais negativamente quando comparados com mulheres lésbicas e homens homossexuais (Herek, 2002; Steffens & Wagner, 2004). Entretanto, de modo geral, esses estudos mostram que a bissexualidade feminina é mais aceita do que a masculina (Eliason, 1997; Herek, 2002; Yost & Thomas, 2011). Além disso, atitudes e atribuições de estereótipos direcionados aos homens bissexuais costumam ser mais negativas e hostis do que quando mulheres bissexuais são alvo (Dodge et al., 2016; Eliason, 2001; Herek, 2002; Mohr & Rochlen, 1999; Mulick & Wright, 2011; Steffens & Wagner, 2004; Yost & Thomas, 2011). Em função disso, esperamos que as pessoas heterossexuais mais preconceituosas, conforme medido pela nossa escala de bifobia,

avaliem mais negativamente o alvo bissexual. Isto é, nossa hipótese é de que aos alvos bissexuais serão atribuídos um salário mais baixo do que aos alvos heterossexuais.

## **Método**

### ***Participantes e Desenho Experimental***

Após a exclusão dos *outliers*, a amostra deste estudo resultou em 267 brasileiros heterossexuais entre 18 e 67 anos ( $M = 29,54$ ;  $DP = 9,44$ ). Dentre estes, a maioria se auto declarou branca (46,1%), mulher (65,5%) e de classe média baixa (38,6%). Os participantes foram alocados aleatoriamente em uma de seis condições de acordo com um delineamento 2 (alvo feminino ou masculino) x 3 (alvo bissexual, heterossexual ou controle). Essa amostra tem poder de .80 para detectar um efeito igual a superior a  $f = .18$  com  $p = .05$ , conforme estimativa realizada no WebPower (Zhang & Yuan, 2018).

### ***Procedimentos***

Convidamos os participantes a colaborar num estudo *online* por meio da plataforma *Qualtrics*. Após acessarem o questionário a partir de um link divulgado amplamente nas redes sociais, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após concordarem em participar, eles foram randomicamente direcionados a uma de seis condições experimentais. As suas tarefas consistiram em assistir a um pequeno vídeo de 46 segundos e responder a uma série de questões relacionadas com o vídeo. O vídeo serviu para manipularmos a orientação sexual da pessoa-alvo e consistia num compilado de clipes mostrando cenários neutros, como de paisagens urbanas e rurais, e com uma voz masculina narrando uma descrição específica para cada condição. A narração descrevia um professor que estava anunciando um curso introdutório de sociologia, no qual uma das aulas seria sobre relacionamentos. Esta narração foi adaptada de uma vinheta utilizada por Raja e Stokes (1998) em um estudo para acessar a validade da escala de homofobia moderna. Os

participantes assistiram o vídeo e indicaram as suas reações em relação ao alvo descrito.

Especificamente para o presente estudo, a narração descrevia o seguinte:

"Prof. Flávio [Prof<sup>a</sup>. Flávia] é responsável por ministrar um curso introdutório de sociologia. Durante uma de suas aulas, o Professor [a Professora] mencionou que uma parte do curso será sobre o tema de relacionamentos. Ele disse que durante uma dessas aulas do curso, ele [ela] vai discutir sobre suas próprias experiências em relacionamentos românticos como homem bissexual [vs. mulher bissexual; vs controle]. Essa será uma oportunidade para que as pessoas bissexuais [vs. heterossexuais; vs controle], como ele [ela], possam compartilhar suas experiências, assim como expressar suas ideias e estilos de vida."

Assim, a manipulação do gênero foi realizada por meio no nome da personagem [Flavio vs. Flávia]. A manipulação da orientação sexual [heterossexual vs. bissexual vs. controle] consistiu na especificação dos termos heterossexual ou “bissexual” consoante a condição, enquanto que, na situação de controle, nenhuma menção foi feita à orientação sexual da pessoa-alvo. Após assistirem o vídeo, os participantes responderam a um conjunto de perguntas que descrevemos abaixo e, por fim, receberam o *debriefing*.

### **Medidas**

**Atribuição do Salário.** Pedimos aos participantes que estimassem o salário que o participante pensava que o(a) professor(a) do vídeo ganhava. Para indicar o valor do salário em real, os sujeitos tinham que arrastar manualmente uma barra que ia de R\$0 até R\$100.000,00.

**Bifobia.** A Escala de Bifobia ( $\alpha = 0,71$  e  $\omega = 0,72$ ) de 10 itens, que foi adaptada para o contexto brasileiro e está sendo validada neste trabalho, também foi inserida. Como nos estudos anteriores, os participantes indicaram a partir de uma escala Likert, variando de 1

(Discordo totalmente) e 6 (Concordo totalmente), em que medida concordavam com cada item.

**Manipulation check.** Utilizamos um item que perguntava qual era a orientação sexual do alvo, de acordo com o vídeo assistido, o qual os participantes deveriam selecionar entre as opções: “Heterossexual”, “Bissexual” ou “Não informou”. Da amostra original ( $n = 317$ ), a ampla maioria (90,2%) respondeu corretamente. Consideramos como não elegíveis para compor a nossa amostra os participantes que erraram ( $n = 31$ ) e, por esta razão, foram excluídos das análises.

### ***Análise de dados***

Conduzimos a análise de dados nos programas estatísticos SPSS e JASP. As análises de correlação e os testes de comparações de médias por meio de ANCOVAS foram realizados no SPSS com a extensão PROCESS. Já as estatísticas descritivas foram calculadas a partir do JASP.

## **Resultados**

### ***Atribuição de Salário***

Conduzimos uma ANCOVA fatorial 2 (gênero do alvo: masculino x feminino) x 3 (orientação sexual do alvo: bissexual x heterossexual x controle) com os fatores inter-participantes, o salário atribuído como variável dependente e a bifobia como covariável. Os resultados mostraram que o efeito principal da orientação sexual foi marginalmente significativo,  $F(2\ 255) = 2,668$ ,  $p = 0,071$ ,  $\eta^2_p = 0,02$ . O efeito principal do gênero da personagem foi não significativo,  $F(1\ 255) = 0,213$ ,  $p = 0,645$ ,  $\eta^2_p = 0,001$ . O efeito principal da bifobia foi também não significativo,  $F(1\ 255) = 2,396$ ,  $p = 0,123$ ,  $\eta^2_p = 0,009$ . Contudo, e de maior importância para o teste de nossas hipóteses, a interação tripla entre o gênero do alvo, a orientação sexual do alvo e o nível de bifobia dos participantes foi significativo,  $F(2\ 255) = 4,692$ ,  $p = 0,01$ ,  $\eta^2_p = 0,035$ . Decompomos esta interação para analisarmos a

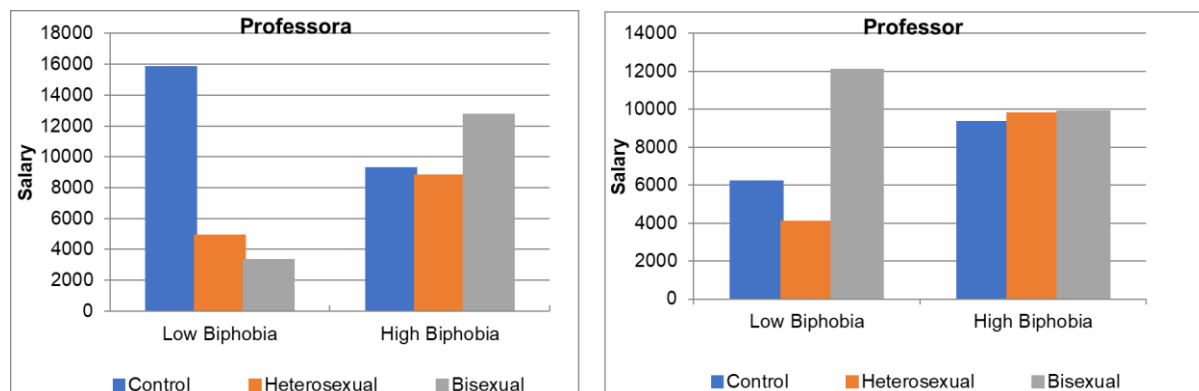
influência da manipulação da orientação sexual separadamente para cada sexo do alvo em diferentes níveis de bifobia dos participantes (Figura 3).

**Salário da Professora.** Na situação em que descrevemos o alvo como sendo uma professora, os participantes menos bifóbicos atribuíram menor salário à professora heterossexual ( $M = 4.841,00$ ;  $SE = 1916,68$ ) do que na situação de controle ( $M = 15775,81$ ;  $SE = 2341,76$ ),  $b = -10914,80$ ,  $SE = 3026,14$ ,  $p = 0,001$ . Do mesmo modo, atribuíram menor salário à professora bissexual ( $M = 3269,86$ ;  $SE = 2195,60$ ) do que na situação controle ( $b = -12485,95$   $SE = 3210,07$ ,  $p = 0,001$ ). Os participantes mais bifóbicos não diferenciaram significativamente o salário da professora entre as três condições experimentais: controle ( $M = 9224,79$ ;  $SE = 2632,30$ ); heterossexual ( $M = 8763,34$ ;  $SE = 1766,88$ ); bissexual ( $M = 12695,34$ ;  $SE = 2344,47$ ).

**Salário do Professor.** Quando descrevemos o alvo como sendo um professor, os participantes menos bifóbicos atribuíram salário marginalmente mais elevado na condição bissexual ( $M = 12037,29$ ;  $SE = 2092,29$ ) do que na condições de controle ( $M = 6153,78$ ;  $SE = 2601,61$ ),  $b = 5883,51$ ,  $SE = 3338,57$ ,  $p = 0,079$ ; e atribuíram salário significativamente mais elevado na condição bissexual do que na heterossexual ( $M = 4034,40$ ;  $SE = 2107,02$ ),  $b = 8002,89$ ,  $SE = 2969,37$ ,  $p = 0,008$ . Nos participantes mais bifóbicos, porém, as diferenças nos salários atribuídos entre as três condições experimentais foram não significativas: controle ( $M = 9302,70$ ;  $SE = 3700,78$ ); heterossexual ( $M = 9743,58$ ;  $SE = 1951,97$ ); bissexual ( $M = 9837,10$ ;  $SE = 1707,16$ ).

**Figura 3.**

*Salário atribuído ao alvo em função das condições experimentais e do nível de bifobia dos participantes*



### Discussão

A partir da realização de várias análises de covariância, verificamos que a Escala de Bifobia apresentou uma validade de critério, visto que interação entre o gênero, a orientação sexual do alvo e o nível de bifobia dos respondentes influenciou significativamente o valor do salário que foi atribuído ao alvo, corroborando parcialmente nossa hipótese. Quando o alvo era do sexo feminino, os participantes menos bifóbicos, ou seja, aqueles que tiveram uma pontuação mais baixa na Escala de Bifobia atribuíram um salário mais baixo à professora da condição bissexual do que a da condição controle. Entretanto, isso não se repetiu entre os respondentes mais bifóbicos. Quando o alvo era descrito como sendo do sexo masculino, os respondentes menos bifóbicos atribuíram um salário mais elevado para o alvo da condição bissexual em comparação com a condição controle e a condição heterossexual. Já entre os participantes mais bifóbicos, não existiram diferenças na atribuição de salário. Isto significa que a bifobia medida pela nossa escala atenua a tendência geral nos participantes para favorecer o alvo bissexual masculino. Significa, também, que a escala mostrou-se sensível, e no sentido das nossas hipóteses, apenas quando o alvo é do sexo masculino.

### Discussão geral

Ao longo de três estudos, analisamos as características psicométricas da Escala de Bifobia reduzida e adaptada para o contexto brasileiro a partir da *Biphobia Scale* (Mulick & Wright, 2002). No Estudo 1, demonstramos que a escala adaptada foi consoante com o instrumento original de Mulick e Wright (2002), apresentou uma estrutura unifatorial para medir o preconceito contra pessoas bissexuais com consistência interna adequada e apresentou validade convergente com escalas que mensuram crenças (Eliason & Raheim, 1996) e estereótipos (Garellick et al., 2017) sobre a bissexualidade. Junto a isso, foi possível reduzir a escala original para apenas dez itens com cargas fatoriais adequadas, o que foi até então inédito no cenário nacional de pesquisas sobre bifobia.

No Estudo 2, verificamos a validade concorrente da escala de bifobia a partir de sua correlação com a religiosidade, a orientação à dominância social (Sidanius & Pratto, 1999) e com os fatores que compõem o autoritarismo de direita, como o conservadorismo, a contestação da autoridade, o tradicionalismo e a submissão à autoridade (Vilanova et al., 2018). Além disso, evidenciamos a sua validade discriminante, dada a ausência de correlação com uma medida de sonolência (Bertolazi et. al, 2009). De acordo com nosso estudo, quanto mais bifóbicos foram os respondentes, mais religiosos, conservadores, submissos à autoridade e tradicionalistas eles também demonstraram ser. Isso pode estar relacionado ao desconforto causado pelo fato da bissexualidade ser uma orientação sexual que não somente desafia a heteronormatividade tradicional, mas também representa uma ameaça ao padrão binário da sexualidade tão enraizado na sociedade (Ochs, 1996; Callis, 2014). Esses achados corroboram a extensa literatura acerca do preconceito contra minorias sociais e sexuais (Whitley, 1999; Duckitt & Sibley, 2007; Poteat & Mereish, 2012; Klein et al., 2018; Vilanova et al., 2018), e trazem uma nova contribuição ao evidenciar a relação destes construtos também com o preconceito contra pessoas bissexuais.

No estudo 3, analisamos a validade de critério da Escala de Bifobia e verificamos que a escala é sensível o suficiente a manipulação experimental da saliência do grupo-alvo de preconceito. Os resultados, entretanto, mostraram que a escala foi sensível à diferenciar a previsão da atribuição de salário apenas entre os participantes menos bifóbicos quando o alvo era do sexo masculino. De fato, as pessoas menos bifóbicas deram um salário maior para o professor bissexual do que para os das condições controle e heterossexual, demonstrando uma validade de critério da escala. Entretanto, os participantes menos bifóbicos atribuíram um salário menor à professora bissexual em relação à condição controle, evidenciando uma atitude de desfavorecimento da mulher bissexual mesmo com um nível de bifobia mais baixo. Uma possível explicação para esse achado pode residir no fato de a literatura apontar que atitudes direcionadas às mulheres bissexuais tendem a ser menos hostis do que aos homens bissexuais, mas mais ligadas à conceitos sexistas de desvalorização e sexualização destas mulheres (Dodge et al., 2016; Eliason, 2001; Herek, 2002; Mohr & Rochlen, 1999; Mulick & Wright, 2011; Steffens & Wagner, 2004; Yost & Thomas, 2011). Isto pode indicar que a menor atribuição salarial à professora bissexual pelos participantes menos bifóbicos se deu por uma maior desvalorização das mulheres bissexuais com relação aos homens bissexuais já evidenciada nos estudos anteriormente citados.

De modo geral, após apresentar valores adequados de consistência interna e uma boa validade convergente-divergente e de critério, a Escala de Bifobia é uma boa opção a ser utilizada em estudos futuros sobre preconceito contra pessoas bissexuais. Como aponta Rust (2002), existe uma invisibilidade da bissexualidade e, conseqüentemente, da bifobia sofrida por estes indivíduos, resultando em uma lacuna na literatura científica sobre este tópico extremamente relevante. Em função disso, uma medida de preconceito contra pessoas bissexuais fidedigna e validada para o contexto brasileiro mostra-se uma ferramenta útil e necessária para que novas investigações possam ser realizadas no país.

Entretanto, este trabalho não está livre de limitações. Primeiramente, por ter sido realizado de forma online, em função da pandemia do novo coronavírus, a amostra não é representativa de todos os seguimentos da população brasileira. Além disso, o nível de bifobia das amostras ao longo dos três estudos foi muito baixo, e, apesar de não ter sido mensurada no estudo em questão, uma das possíveis causas para esse fenômeno pode ser a desejabilidade social. A desejabilidade social consiste em um tipo de viés de resposta introduzido por Edwards (1957), no qual o sujeito possui uma tendência a negar a presença de crenças ou atitudes socialmente indesejáveis em si ao responder escalas, de modo a parecer uma “boa pessoa” para os outros (Almiro, 2017). Pode ser que, em função disso, os participantes tenderam a responder a Escala de Bifobia procurando omitir suas avaliações negativas sobre pessoas bissexuais. Estas limitações podem ser superadas em estudos futuros sobre o tema, abarcando uma amostra mais abrangente, diversificada e controlando possíveis enviesamentos de resposta da Escala de Bifobia.

Em suma, os resultados aqui apresentados podem representar contribuição para o campo de estudo da bifobia ao introduzir no contexto brasileiro a adaptação de uma medida válida e fidedigna para o preconceito contra pessoas bissexuais. O instrumento pode ser uma ferramenta para investigações científicas acerca da bifobia no Brasil, contribuindo socialmente ao oferecer subsídios para uma compreensão mais profunda deste preconceito tão invisibilizado, mas que ainda está presente na sociedade. Dessa forma, este trabalho pôde preencher uma lacuna na literatura científica brasileira por meio de suas ricas contribuições e servir como base para futuros estudos acerca da bifobia.

## Referências bibliográficas

- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. *Avaliação Psicológica*, 16(3)<https://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1603.ed>
- Barker, M. (2007). Heteronormativity and the exclusion of bisexuality in psychology. In V. Clarke & E. Peel (Eds.), *Out in psychology: Lesbian, gay, bisexual, trans, and queer perspectives (pp. 86–118)*. Chichester, United Kingdom: Wiley.
- Bertolazi, A. N., Fagundes, S. C., Hoff, L. S., Pedro, D., Barreto S. S. M. & Johns, M. W. (2009). Portuguese-language version of the Epworth sleepiness scale: validation for use in Brazil. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, 35(9):877-883.
- Birnbaum, A. (1957). *Efficient design and use of test of a mental ability for various decision-making problems*. (Series Report No. 58-16). Washington, DC: USAF School of Aviation Medicine.
- Birnbaum, A. (1968). Some latent trait models and their use in inferring and examinee's ability. In F.M. Lord & M.R. Novick, *Statistical theories of mental test scores*. Reading, MA: Addison-Wesley, ch. 17-20.
- Callis, A. S. (2014). Bisexual, pansexual, queer: Non-binary identities and the sexual borderlands. *Sexualities*, 17(1-2), 63–80. doi:10.1177/1363460713511094
- Colledge, L., Hickson, F., Reid, D., & Weatherburn, P. (2015). Poorer mental health in UK bisexual women than lesbians: evidence from the UK 2007 *Stonewall Women's Health Survey*. *Journal of Public Health*, 37(3), 427–437. doi:10.1093/pubmed/fdu105
- Dodge, B., Herbenick, D., Friedman, M. R., Schick, V., Fu, T.-C. (Jane), Bostwick, W., ... Sandfort, T. G. M. (2016). Attitudes toward Bisexual Men and Women among a Nationally Representative Probability Sample of Adults in the United States. *PLOS ONE*, 11(10), e0164430. doi:10.1371/journal.pone.0164430

- Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2007). Right wing authoritarianism, social dominance orientation and the dimensions of generalized prejudice. *European Journal of Personality*, 21(2), 113–130. doi:10.1002/per.614
- Edwards, A. L. (1957). *The social desirability variable in personality assessment and research*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Eliason, M. J. (1997). The Prevalence and Nature of Biphobia in Heterosexual Undergraduate Students. *Archives of Sexual Behavior*, 26(3), 317–326. doi:10.1023/a:1024527032040
- Eliason, M. (2001). Bi-Negativity. *Journal of Bisexuality*, 1(2-3), 137–154. doi:10.1300/j159v01n02\_05
- Eliason, M. J., & Raheim, S. (1996). Categorical Measurement of Attitudes About Lesbian, Gay, and Bisexual People. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 4(3), 51–65. doi:10.1300/j041v04n03\_03
- Fernandes, S., Da Costa, J., Camino, L. & Mendoza, R. (2007). Valores Psicossociais e Orientação à Dominância Social: Um Estudo Acerca do Preconceito. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 490-498.
- Garelick, A. S., Filip-Crawford, G., Varley, A. H., Nagoshi, C. T., Nagoshi, J. L., & Evans, R. (2017). Beyond the Binary: Exploring the Role of Ambiguity in Biphobia and Transphobia. *Journal of Bisexuality*, 1–18. doi:10.1080/15299716.2017.1319890
- Herek, G. M. (2002). Heterosexuals' attitudes toward bisexual men and women in the United States. *Journal of Sex Research*, 39(4), 264-274. doi:10.1080/00224490209552150
- Hickson, F., Davey, C., Reid, D., Weatherburn, P., & Bourne, A. (2016). Mental health inequalities among gay and bisexual men in England, Scotland and Wales: a large

community-based cross-sectional survey. *Journal of Public Health*, fdw021.

doi:10.1093/pubmed/fdw021

Johns, M. W. (1991). A New Method for Measuring Daytime Sleepiness: The Epworth Sleepiness Scale, *Sleep*, Vol 14, Issue 6, 540-545, <https://doi.org/10.1093/sleep/14.6.540>

Klein C., Lühr M., Streib H. (2018) Extant Empirical Research on Religiosity and Prejudice. In: Streib H., Klein C. (eds) *Xenosophia and Religion. Biographical and Statistical Paths for a Culture of Welcome*. Springer, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-74564-0\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-319-74564-0_2)

Lord, F. M. (1952). The relation of the reliability of multiple-choice tests to the distribution or item difficulties. *Psychometrika*, 17, 181-194.

Mohr, J. J., & Rochlen, A. B. (1999). Measuring attitudes regarding bisexuality in lesbian, gay male, and heterosexual populations. *Journal of Counseling Psychology*, 46(3), 353–369. doi:10.1037/0022-0167.46.3.353

Mulick, P. S. & Wright Jr, L. W. (2002). Examining the Existence of Biphobia in the Heterosexual and Homosexual Populations, *Journal of Bisexuality*, 2:4, 45-64, DOI: 10.1300/J159v02n04\_03

Mulick, P. S. & Wright Jr, L. W. (2011). The Biphobia Scale a Decade Later: Reflections and Additions, *Journal of Bisexuality*, 11:4, 453-457, DOI: 10.1080/15299716.2011.620486

Ochs R. (1996). Biphobia: it goes more than two ways. In: Firestein B (ed). *Bisexuality: The Psychology and Politics of an Invisible Minority*, 217–39. Thousand Oaks, CA: Sage. Retrieved from <https://robynochs.com/biphobia-it-goes-more-than-two-ways/>

Oliveira, J. M. D. & Mott, L. (2020). *Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia. (1)*, Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia.

- Petford, B. (2003). Power in the darkness: Some thoughts on the marginalization of bisexuality in psychological literature. *Lesbian and Gay Psychology Review*, 4, 5–13.
- Primi, R. (2004). Avanços na interpretação de escalas com a aplicação da Teoria de Resposta ao Item. *Avaliação Psicológica*, 3(1), 53-58. Retrieved from [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712004000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712004000100006&lng=pt&tlng=pt).
- Poteat, V. P., & Mereish, E. H. (2012). Ideology, Prejudice, and Attitudes Toward Sexual Minority Social Policies and Organizations. *Political Psychology*, 33(2), 211–224. doi:10.1111/j.1467-9221.2012.00871.x
- Raja, Sheela & Stokes, Joe. (1998). Assessing Attitudes Toward Lesbians and Gay Men: The Modern Homophobia Scale. *International Journal of Sexuality and Gender Studies*. 3. 113-134. 10.1023/A:1023244427281.
- Rust, P. C. R. (2002). Bisexuality: The state of the union. *Annual Review of Sex Research*, 13, 180–240, DOI: [10.1080/10532528.2002.10559805](https://doi.org/10.1080/10532528.2002.10559805)
- Sidanius, J., & Pratto, F. (1999). Social Dominance: An Intergroup Theory of Social Hierarchy and Oppression.
- Steffens, M. C., & Wagner, C. (2004). Attitudes toward lesbians, gay men, bisexual women, and bisexual men in Germany. *Journal of Sex Research*, 41(2), 137–149. doi:10.1080/00224490409552222
- Vilanova, F., Sousa, D. A., Koller, S. H., & Costa, A. B. (2018). Adaptação Transcultural e Estrutura Fatorial da Versão Brasileira da Escala Right-Wing Authoritarianism. *Trends in Psychology*, 26(3), 1299-1316. <https://doi.org/10.9788/tp2018.3-07pt>

Whitley, B. E., Jr. (1999). Right-wing authoritarianism, social dominance orientation, and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(1), 126–134. doi:10.1037/0022-3514.77.1.126

Yost, M. R., & Thomas, G. D. (2011). Gender and Binegativity: Men's and Women's Attitudes Toward Male and Female Bisexuals. *Archives of Sexual Behavior*, 41(3), 691–702. doi:10.1007/s10508-011-9767-8

Zhang, Z., & Yuan, K.-H. (2018). *Practical Statistical Power Analysis Using Webpower and R* (Eds). Granger, IN: ISDSA Press. [<https://webpower.psychstat.org>]